



A questão do Parima

JOÃO FAGUNDES

O Rio Grande do Sul orgulha-se de ter demarcado suas fronteiras na ponta da lança e nas patas de seus cavalos.



Quando o governo central ditou normas que conflitavam com a vontade do povo gaúcho, não faltou um Bento Gonçalves para chefiar a epopéia dos farroupilhas, até hoje comemorada a cada 20 de setembro.

Agora, o governo central decide novamente contra a vontade coletiva, e pretende entregar de mão beijada um pedaço de seis mil quilômetros quadrados da Serra do Parima, na fronteira do Brasil com a Venezuela.

Os recentes acontecimentos ocorridos em regiões da fronteira despovoada da Amazônia mostram que a histórica cobiça internacional juntamente com a histórica incompetência brasileira estão novamente de mãos dadas, pouco importando o que o povo quer ou não.

E desse binômio surge uma perigosa ameaça à soberania nacional, pois, se nós não ocuparmos, por incompetência, "eles" ocupam, com invejável competência. Ou armados — com armas mesmo na mão — ou equipados com armas do tipo ecologia, interesse indígena, pulmão do mundo, etc.

A morte recente de alguns brasileiros na fronteira do Brasil com a Colômbia cria um perigoso precedente na Região Amazônica. Um pouco mais ao norte, foi igualmente metralhado um avião, por soldados venezuelanos que ocuparam, manu militari, a região da Serra do Parima, notoriamente rica em ouro e cassiterita.

Como as vítimas do Parima eram anônimos garimpeiros, ninguém cogitou de saber se o local sobrevoado era ou não espaço aéreo brasileiro. E a Ve-

nezuela nos ganhou no grito!

A continuar assim, em breve teremos novos conflitos, uma vez que existem sobejas condições para isso nos milhares de quilômetros de nossas fronteiras com os diversos países da América do Sul.

Essa passividade do Brasil no tocante à sua linha demarcatória de fronteira tem um preço dos mais elevados, pois, além do custo social enorme, tem um custo moral de dimensões incomensuráveis.

No tocante ao primeiro, é fácil imaginar a situação do Estado de Roraima, sem nenhuma outra fonte geradora de riqueza que não seja a extração mineral através do garimpo, por absorver milhares de trabalhadores desempregados.

No tocante ao segundo, o custo moral é evidente, pois é vergonhoso para o Brasil que aceitemos pacificamente a retirada de brasileiros de uma região de seis mil quilômetros quadrados, ocupados, pacificamente, nos últimos 131 anos!

A guerra no Kuwait foi desencadeada porque a região é rica em petróleo. A nossa Serra do Parima não tem petróleo, mas tem um precioso acervo de riquezas minerais, que vai do ouro ao topázio. É preciso deixar bem claro que tem lá, também, a **Bandeira do Brasil**.

Não podemos compensar a perda do fornecimento do petróleo do Iraque com uma transação de araque envolvendo terra e soberania nacionais, sob a ingênua desculpa do Itamaraty de se corrigir um risquinho do mapa do Brasil.

A continuar assim, vamos ter de chamar o Bush, que tem know-how de invasão de lá do Oriente Médio.

Ou, quem sabe, por uma opção nacionalista, chamemos o Bento Gonçalves, para fazer valer a voz de Roraima como unidade autônoma da Federação Brasileira.

□ João Fagundes é deputado federal (PMDB-RR)